Oficina Tecendo Afeto, projeto Trajetória

 Essa é a história de uma oficina que nos caiu do céu, no CAPS II de Assis.

 Uma manhã, durante a ambiência, ouvi a conversa de alguns frequentadores do CAPS sobre suicídio. Era uma disputa, todos querendo chocar uns aos outros com suas experiências. Uns se incomodaram, outros mostraram certo prazer na narrativa. Assim que percebi, intervi, mas por um bom tempo a conversa havia seguido sem intermediação de um técnico. Naquela mesma semana, alguns frequentadores apresentaram crises graves, e avaliamos que talvez fosse por conta da tal conversa. Imediatamente, a equipe decidiu que aquele momento durante às quartas feiras, deveria ter um técnico para mediar as conversas.

 Busquei pelos armários algo que pudesse servir de objeto mediador. Eu acabara de entrar no Caps, mal tinha me apropriado das salas, dos materiais, eu sequer sabia os nomes dos frequentadores. Lembrei que em casa tinha umas conchas que trouxera da última viagem de família à praia, e que havia furado para fazer colares com meus filhos. Juntei as conchas, um galho seco do jardim e levei na quarta-feira. Agora, ao invés de falar sobre formas de suicídio, propus que falassem de vida, montando um móbile com conchas, trazendo o mar para dentro do CAPS. Os frequentadores adoraram a ideia, foi um trabalho coletivo e envolvente.

 Mas as conchas acabaram, o que mais eu poderia usar para continuar falando de vida? Eles poderiam até falar de morte, mas eu sentia que havia muita vida ali para ser compartilhada. Até que chego cedinho na próxima terça feira, e um galho morto da árvore da calçada, havia caído dentro do nosso quintal. O transtorno foi enorme, a equipe acelerada querendo limpar a bagunça e eu, que precisava tanto de uma ideia, a vi caindo ali, do céu, bem na minha frente. Não deixei que ninguém pegasse a árvore, deixei onde havia caído, exatamente no lugar onde, dias atrás se falou tanto em suicídio. Esperei que os frequentadores da quarta chegassem, para juntos, recolhermos a bagunça, limparmos os galhos em excesso e pudéssemos pensar numa forma de trazer cor e alegria para aquele galho seco. Então decidimos que primeiro tiraríamos as folhas mortas, elas já não tinham mais cor. Também tiramos o excesso de galhos, eles eram secos demais, nos arranhavam. E assim, juntos, podamos o que tornava aquela árvore feia, morta, seca e abrimos caminho para colorir lhe os novos espaços.

 Semana a semana colocávamos cores novas, com miçangas, barbantes, fitas, e coletivamente, fomos dando forma nova à árvore que caiu do céu. Assim como a árvore ganhava vida nova, os frequentadores também passaram a deixar brotar algo novo em si mesmos. Uma dizia: “É muito satisfatório pendurar esses enfeites na árvore, pois sinto que consigo fazer algo do início ao fim. Em casa me perco com as bagunças, começo e não consigo terminar nada. Aqui eu começo e vejo o fim, e é bonito ver pronto.” Outra dizia: “Preciso tirar foto para mostra para minha família que eu estou produzindo essa coisa tão linda.” E outro: “Essa árvore é nossa, precisamos dar um nome para ela.”

 Chegou Maio, e a equipe elaborava o evento do dia da Luta Antimanicomial. A árvore brilhava, logo ali na nossa frente, e então veio a ideia. Por que não usarmos a praça em frente ao CAPS para fazermos uma árvore dos desejos? E assim fizemos. Os frequentadores confeccionaram cartões durante as oficinas para serem distribuídos na praça, onde cada um escreveria seu desejo e penduraria na árvore. Afinal, diz a lenda que se fizermos um desejo debaixo de uma árvore ele se realiza. Decidimos não levar a nossa árvore para a praça, ela era nossa, e trazê-la de volta não seria justo com quem participasse do evento lá fora. Então levamos os frequentadores para a praça, e eles escolheram qual árvore seria a Árvore dos Desejos do dia da Luta.

 Para o evento do 18 de Maio convidamos familiares dos frequentadores, estudantes universitários, frequentadores do CAPS IJ e CAPS AD, e estudantes de ensino médio de duas escolas que ficam em frente ao CAPS. A praça ficou lotada, era muita gente cheia de desejo! Para nossa surpresa, os adolescentes participaram sem constrangimento da atividade. Todos receberam, das mãos dos frequentadores, cartões e canetas e escreveram seus desejos. E com a ajuda dos frequentadores, tiveram seus desejos pendurados.

 A árvore ficou ali, colorindo a praça e passou a chamar a atenção dos moradores vizinhos. Frequentadores e equipe desenvolveram um apego pela árvore da praça e passou a ser frequente nossas idas, entre uma correria e outra, até a praça para vermos se havia desejos novos pendurados. Eu mesma me sentava na praça, fora do horário de trabalho, só para admirar o movimento que a árvore estava causando. Em algumas cenas, me mostrei intrometida nas conversas das vizinhas, para explicar, mesmo sem ser chamada, o que era aquela árvore. E assim, convidava pessoas novas a pendurarem seus desejos. Certa vez, uma criança de uns 4 anos perguntou à mãe o que era aquela árvore. A mãe disse que era do CAPS. A criança, curiosa, perguntou o que era CAPS, e após uma breve explicação da mãe, a criança respondeu: “Mãe, quando eu crescer eu posso ir para o CAPS?”

 Em agradecimento à presença dos estudantes no evento de 18 de Maio, decidimos entregar uma lembrancinha para cada aluno na escola. Os frequentadores da quarta feira fizeram marcadores de páginas e eu e a Daniela, do administrativo, fomos entregar na escola. Pronto, era tudo o que queríamos, uma porta aberta para levar o CAPS para dentro dos muros da escola. Entregamos, em nome dos frequentadores, e abrimos uma roda de conversa para ouvirmos quais foram os sentimentos mobilizados diante da árvore dos desejos. Os adolescentes adoraram a experiência e se surpreenderam, puderam desmistificar a figura do frequentador do CAPS. Sobre as lembrancinhas...elas causaram comoção nos adolescentes. Alguns conseguiram falar de sua condição de depressão, ou ansiedade, ou falaram de familiares com transtornos mentais. Essa ação pôde trazer para perto dos adolescentes a questão da saúde mental e mostrar que há espaços onde buscar ajuda. Explicamos sobre o CAPS IJ também, já que nosso Caps é apenas voltado para cuidado adulto.

 Chegou Setembro, o ‘tal’ Setembro Amarelo. E pelo segundo ano, a equipe decidiu não falar de suicídio, e sim de valorização da vida. Decidimos fazer uma exposição. Mas expor o que? E novamente a árvore brilhou, com suas cores novas, para a equipe. Juntamente com as produções realizadas durante as oficinas de arte, horta e capoeira, a árvore também teria seu lugar de destaque. Novamente convidamos as escolas, universidades, outros caps, imprensa local, idosos do CRAS de uma cidade vizinha. Todos vieram. Os frequentadores, misturados com os adolescentes, com os idosos, com os universitários, puderam ver seu espaço sendo ocupado por tanta gente diferente. E os adolescentes nos encheram de perguntas sobre o que era o CAPS, sobre como era a permanência das pessoas ali, sobre saúde mental. Saíram, como disseram eles mesmos: “ sem medo do povo do CAPS”, ou “ Eu achei que as pessoas ficassem trancadas aqui, agora sei que elas têm vida lá fora e que elas são como nós.” Agora, foi a escola que adentrou os muros do Caps.

 Já era Outubro, e a árvore já estava bem cheia de cor, cheia de vida, cheia de afeto. Ela até ganhou um nome: “Árvore Encantada”. Ela também ganhou uma saia rsrs. E quando a gente começou a pensar que ela já tinha dado tudo o que poderia para nossos frequentadores e para nós da equipe, veio o evento 11 Saindo da Cortinas. Um evento realizado pelo CAPS II, no teatro municipal de Assis, em que os frequentadores apresentam toda arte expressiva e corporal que acontece nas oficinas. Mas, como poder representar toda a trajetória da árvore em um teatro?

 Cada técnico responsável por oficinas deveria levar algo para o teatro. Então propus aos frequentadores da quarta para fazermos algo que representasse a árvore. Escrevi um texto e levei para ver o que eles pensavam. E a ideia foi surgindo, assim como a árvore, de forma coletiva. 3 pessoas leriam o texto, 2 seriam as pessoas tristes, sem vida, como a árvore seca. Um frequentador, que passa o dia regando as flores e a horta do CAPS entraria regando com cor as pessoas tristes, e os outros também trariam fitas e bolinhas divertidas e coloridas para as pessoas tristes. Ao final as pessoas tristes teriam vida e cor novamente.

 Chegou Novembro, teatro com plateia, estudantes universitários, familiares, imprensa local. Frequentadores do CAPS AD e IJ também foram convidados a se apresentarem, assim como CAPS de cidades vizinhas. Parte da decoração foi feita pelos frequentadores da quarta feira, baseada nos enfeites que colocamos na árvore. A equipe também se reuniu para que a decoração ficasse pronta. Cada ensaio, cada bolinha colada no barbante, trazia esperança, cor e vida para os frequentadores e para nós da equipe,

Ao final do trabalho, com decoração pronta, eles chegando com familiares, mostrando sua produção, apresentando a peça no palco, sentindo-se orgulhosos de todo o trabalho, isso gerou na equipe uma sensação de dever cumprido, uma emoção coletiva, um sentimento e uma certeza de fortalecimento do trabalho em equipe.

Ah, e antes que eu me esqueça, a equipe, também contagiada pelo encanto da árvore, fez de tudo para que conseguíssemos levá-la ao teatro. Ela foi de caminhonete, e parte da equipe foi de carro atrás. Sim, saímos em comboio atrás da árvore. Algumas coisas se soltavam com o vento, e nós, atrás, descíamos do carro para pegar o que caía no meio da rua. Éramos um “bando de doidos” correndo atrás de uma árvore no meio da rua, doidos por tudo o que a Árvore que caiu do céu mobilizou em todos, tanto nos frequentadores, quanto na equipe. Quem ficou no CAPS, assim que a árvore saiu, sentiu falta de sua presença colorida na sala de espera. Ela já faz parte de todos nós!

A Árvore que caiu do céu nunca mais foi a mesma, assim como cada um que cruzou o seu caminho.

 ***“Viva a Árvore!! Viva a Vida! Viva Nós!!”***